



CENTRO DE CULTURA E HISTÓRIA IPAMERINA

CENTRO DE CULTURA E HISTÓRIA IPAMERINA

Júlio César de Faria Júnior

Dedicatória

Ao meu pai Júlio César de Faria
A minha mãe Katia Maria Costa Collado

Ao meu avô Júlio de Faria Neto
A minha avó Maria Leoni de Caixeta

Agradecimentos

Ao Departamento de Artes e Arquitetura da Pontifícia Universidade Católica de Goiás em nome do coordenador: Roberto Cintra Campos

A Prefeitura Municipal de Ipameri em específico o vice prefeito: Carlos Roberto de Faria e Souza

Ao orientador deste trabalho de conclusão, Prof. Antônio Fernando Banon Simon, pelo apoio.

A todos que de alguma forma contribuíram para o desenvolvimento e concretização deste trabalho.

Sumário

Resumo	5
Introdução	6
Breve Histórico.....	7
Tema / Temática e Justificativa	13
O Terreno Escolhido	14
Topografia.....	15
Localização Geográfica	17
O Sítio.....	18
Fluxo e Principais Vias de Acesso.....	20
Estudos de Caso	22
Análise pessoal do objeto	31
Referências Teóricas	32
Projeto, Conceito e Partido	35
Programa e Pré-dimensionamento	39
Bibliografia	41

Resumo

O presente estudo apresentado ao Curso de Arquitetura e Urbanismo, Departamento de Artes e Arquitetura da Pontifícia Universidade Católica de Goiás, como requisito parcial para à obtenção do título de Arquiteto e Urbanista com base no estudo arquitetônico do tema Centro de Cultura e História Ipamerina, e a temática cultura e lazer visa mostrar os resultados obtidos do estudo elaborado para o município de Ipameri no estado de Goiás, no intuito de fundamentar a necessidade da região em ter um edifício de caráter sócio/ cultural devido à falta de edificações públicas voltadas a este tipo de edificação urbana.

A importância histórica e o desafio de se projetar algo para um uso público resultaram uma análise mais detalhada da locação da edificação e suas condicionantes climáticas e topográficas, além da morfologia e relação com o entorno. O projeto se baseia em conceito e tecnologias contemporâneas, o que resultaram na forma e definição do modelo estrutural, espaços de convivência priorizando a permeabilidade visual e ao acesso a todos os setores do edifício.

Introdução

Segundo Edward B. Tylor¹, cultura é “todo aquele complexo que inclui o conhecimento, as crenças, a arte, a moral, a lei, os costumes e todos os outros hábitos e capacidades adquiridos pelo homem como membro da sociedade”. Além do mais a cultura é também associada, comumente, a outras formas de manifestação artística e/ou técnica da humanidade.

Muitas vezes se confunde com noções de: desenvolvimento, educação, bons costumes, etiqueta e comportamentos de elite, porém há características que permitem a mudança cultural, a invenção ou introdução de novos conceitos, e a difusão de conceitos a partir de outras culturas. Há também a descoberta, que é um tipo de mudança cultural originado pela revelação de algo desconhecido pela própria sociedade e que ela decide adotar.

De modo geral a cultura também é associada a costumes oriundos da família herdadas dos imigrantes, tais costumes sofreram mudanças com a descoberta de culturas indígenas em todo o território nacional, desta forma podemos dizer que a nossa cultura não é perfeitamente homogênea.

Com relação ao estado de Goiás, a cultura do Centro-Oeste é bem diversificada, influenciada principalmente dos povos indígenas, paulistas, mineiros, gaúchos, bolivianos e paraguaios. Principalmente os costumes trazidos pelo sertanejo, a simplicidade da vida interiorana e o jeito acolhedor, torna o goiano um povo rico em histórias e fortemente apegado as tradições de seu estado.

A necessidade de apreender e de ter acesso a cultura se esbarra na fragilidade ou mesmo na ausência de indicadores, através de políticas públicas mais eficientes que incentive ainda mais ao acesso da população. Por essa razão, esforços têm sido empreendidos por meio de parcerias para o desenvolvimento de estudos capazes de identificar a extensão das relações entre a cultura e a economia em modo geral.

O Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística IBGE (2006) com parceria do Ministério da Cultura publicou um conjunto de informações sobre a diversidade cultural e territorial abrangendo informações sobre o órgão gestor da cultura nas municipalidades; condições de sua infraestrutura para o cumprimento da função; recursos humanos e orçamentários da Função Cultura da administração municipal; instrumentos de gestão utilizados; legislação específica sobre o tema; existência e funcionamento de Conselhos, fundos e Fundações Municipais de Cultura; atividades artísticas e artesanais desenvolvidas, nas suas mais diversas manifestações, apoiadas ou não pelo poder local e meios de comunicação e equipamentos culturais existentes nessas localidades.

¹ Tylor, Edward B. Cultura Primitiva. John Murray, Londres, 1871

Com base neste levantamento foram identificadas as seguintes informações quanto aos municípios com estrutura na área da cultura:

Grandes Regiões e classes de tamanho da população dos municípios	Municípios							
	Total	Com estrutura na área da cultura, por caracterização do órgão gestor						Não possui estrutura específica
		Total	Secretaria municipal exclusiva	Secretaria municipal em conjunto com outras políticas	Setor subordinado a outra secretaria	Setor subordinado à chefia do executivo	Fundação pública	
Brasil	5 564	5 426	236	4 007	699	339	145	136
Centro-Oeste	4 66	4 55	15	3 54	6 6	8	12	11
Até 5 000	157	151	2	2 6	22	1	-	6
De 5 001 a 10 000	109	105	1	9 0	13	1	-	4
De 10 001 a 20 000	103	103	1	7 6	20	4	2	-
De 20 001 a 50 000	64	63	4	4 4	9	2	4	1
De 50 001 a 100 000	17	17	4	10	-	-	3	-
De 100 001 a 500 000	12	12	-	8	2	-	2	-
Mais de 500 000	4	4	3	-	-	-	1	-
Fonte: IBGE, Diretoria de Pesquisas, Coordenação de População e Indicadores Sociais, Pesquisa de Informações Básicas Municipais 2006.								

Fonte: IBGE, Diretoria de Pesquisas, Coordenação de População e Indicadores Sociais, Pesquisa de Informações Básicas Municipais 2006.

Tabela 1 – Municípios, total e com estrutura na área de cultura, por caracterização do órgão gestor, segundo Grandes Regiões e classe de tamanho da população dos municípios – 2006

A cidade de Ipameri, possui um dos mais valiosos acervos históricos e culturais de Goiás, sendo eles literários, artesanatos, arquitetônico, entre outros elementos que compõem uma cidade ícone do estado e da região do ribeirão do “vai e vem”.

Breve Histórico

De acordo com documentos paroquiais e inventários atestam o ano de 1816 o aglomerado do Arraial do Vai-Vem, nome dado ao ribeirão afluente do rio Veríssimo. E foi ao redor da Casa-grande da fazenda do Vai-Vem que começaram a erguer as primeiras casas oriundas do chamado estacionamento das bandeiras vindas de Minas Gerais em busca de ouro na região.

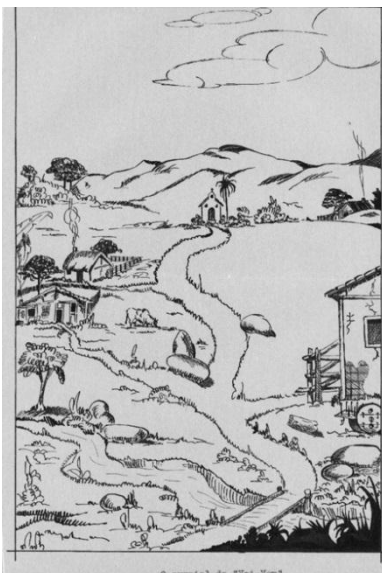


Figura 1: Desenho do artista José Edgard de Oliveira (Zezé Edgard) que ilustra o livro Ipameri Histórico Volume I de João Veiga.

De forma desordenada as residências foram se fixando, servindo de moradia aos primeiros desbravadores vindo das Minas Gerais e do próprio Catalão buscando terras férteis às margens Veríssimo, braço do rio Corumbá. A comunidade se formou, sendo chamada de “Entre rios” devido a sua localização, entre os Rios do Braço e Veríssimo, ficando isolada em terras mais altas, mas acessíveis às correntes migratórias.

Porém, somente em 1870 o Governo da Província de Goyas elevou as fazendas do Vai-Vem e do Calaça² a categoria de cidade. Porém para obter o título de cidade não poderia continuar com seu nome primitivo devido aos frequentes problemas de postagens dos Correios, pois naquela época ainda não existia o Código de Endereçamento Postal (CEP). Portanto em 1926 com a passagem do

Monsenhor Inácio Xavier da Silva³, a pedido do Cel. José Vaz da Costa, intendente municipal, que sugerisse um novo nome. Nome este que foi na obra “O Tupi-Guarani na Geografia Nacional” de autoria do Engenheiro Teodoro Sampaio, surgiu então o novo vocábulo que é a tradução de Enre-Rios: “Y”: rio; “pan” “meri”: vão, espaço, entre. Por eufonia, foi suprimida a letra “n” ficando então Ypameri, que significa o mesmo que Entre-Rios.

Mais tarde entenderam que se deveria trocar o “Y” que não fazia então mais parte do alfabeto português brasileiro por “I”, ficando então por Lei específica até a atualidade IPAMERI que igualmente significa “Entre-Rios. (ALMANAK ADMINISTRATIVO, MERCANTIL E INDUSTRIAL DO RIO DE JANEIRO - 1891 A 1940).

A modernidade do município se deu com o Major Aristides Rodrigues Lopes, homem idealista, que através de seu empreendedorismo concretizou o fruto mais precioso para esta terra: a produção da energia elétrica.

Foi em Ipameri onde, pela primeira vez no território do Estado de Goiás que se acendeu a primeira lâmpada, marcando o pioneirismo de Ipameri como o Berço da Modernidade do Estado de Goiás, expressão dada pelo Professor Newton Marcos Leone Porto, que quer dizer "o Berço cultural do Estado" título conquistado por Ipameri nos anos 30.

Em 1904 Ipameri já contava com a primeira indústria movida a eletricidade do estado de Goiás que foi uma máquina de beneficiar arroz e em seguida uma fábrica de gelo, já para atender as necessidades da primeira charqueada do estado.



Figura 2: Primeira Usina hidrelétrica em 1904 construída no Estado de Goiás por Major Aristides Lopes”.

O seu maior patrimônio histórico é usina Hidroelétrica do Vai-Vem construída em 1914 a 23 km de Ipameri. Tombado pelo patrimônio histórico, lei Municipal 428/90 foi a primeira a produzir energia elétrica do estado de Goiás, com máquinas importadas da Suécia, desta forma, Ipameri aumentou seu potencial energético.



Figura 3: Máquinas importadas da Suécia – Usina do Vai-Vem 1914



Figura 4: Construção da Barragem da Usina Major Aristides Lopes, 1946.

² Calaçã. – Antiga Fazenda, hoje cidade de Campo Alegre

³ Monsenhor Inácio Xavier da Silva – Fundador da “A Gazeta Goiana”, órgão público no ano da Proclamação da República

Com a chegada da estrada de ferro em 1912, oriunda do processo de expansão agrícola do país, Ipameri e outros municípios do sul Goiano foram favorecidos, principalmente daqueles próximos com a divisa com o estado de Minas Gerais. Ipameri e Catalão foram as que mais se destacaram na época.

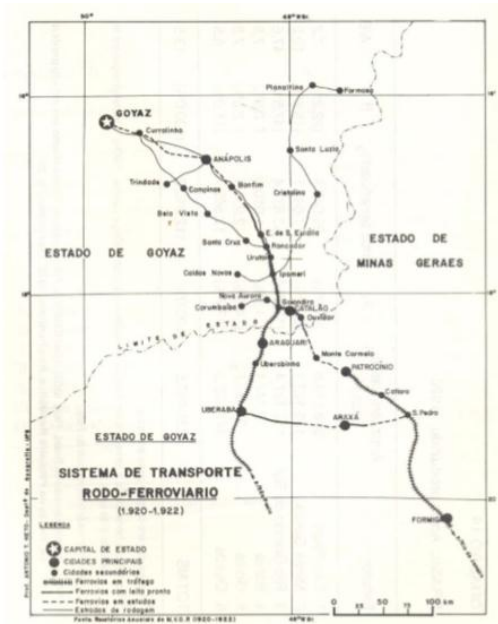


Figura 5: Sistema de transporte rodo - ferroviário (1920 – 1922)

Fonte: BORGES, Barsanufio Gomides. O Despertar dos Dormentes. Goiânia, Cegraf, 1990

O desenvolvimento de Ipameri foi o que mais chamou a atenção com a construção da Estrada de Ferro, devido a sua autossuficiência, dada a sua alta capacidade na produção agrícola e seu desenvolvimento urbano e comercial, em 1920 o município já era o quarto mais populoso do estado, com 19.227 habitantes.

O processo migratório e a expansão da cidade foram uma das consequências desse processo de modernidade, através de cidadãos profundamente patrióticos e apaixonados por esta terra lhes acolheu não mediram esforços para fazer com que Ipameri se erguesse e denominada, o "berço da cultura", e berço da modernidade do sul goiano.

A ferrovia não só ajudou a evoluir economicamente os municípios por onde passava, muita das vezes a estrada de ferro substituiu as longas viagens feitas a cavalo, em lombo de burro ou até em carros de boi. O ambiente bucólico foi dando espaço as estações e linhas ferroviárias e a locomotiva.



Figura 6: Primeira Estação Ferroviária de Ipameri, inaugurada em 1913.



Figura 7: Segunda Estação Ferroviária, atual Biblioteca Municipal "João Veiga"

A história de Goiás marca as frentes pioneiras de expansão, da modernidade chegando através dos trilhos da Estrada de Ferro. E é seguindo esta definição já dita por CHAUL em 1990 que o trem chega a Ipameri, conhecida como "Roncador".

O município teve várias razões que comprovam a real expressão de “Berço da Modernidade”, além dos que já mencionei, Ipameri sempre esteve à frente no estado com empreendimentos que para aquela época seria um grande marco de modernidade. Mas além destas modernidades, gostaria de destacar algumas das principais construções que se fizeram parte da história.

...ser moderno é encontrar-se em um ambiente que prometa aventura, poder, alegria, crescimento, autotransformação e transformação das coisas em redor – mas ao mesmo tempo ameaça destruir tudo o que temos, tudo o que somos.(BERMAN, 1986:15)

- Primeira Agência do Banco do Brasil em Goiás (Ipameri) em 1921 – fonte: ypameri.com.br



Figura 8: Fachada original



Figura 9: Fachada atual



Figura 10: Jornal “The Times” 24 de junho de 1927.

- Prédio do antigo Cine Teatro Estrela, construído nos anos 50 – fonte:ypameri.com.br



Figura 11: Construção década de 50.



Figura 12: Imagem atual - Luiz Fernando Cosac

O Cinema foi construído com grande requinte, cortinados, tapetes e as poltronas de molas “Pulmann”. Para a época, o melhor cinema do interior goiano. Hoje desativado, as máquinas fechadas, a parte frontal do prédio foi alugada e o salão encontra-se quase totalmente desmoronado. As cadeiras foram vendidas. Tombado para o Patrimônio Municipal através da Lei Municipal Lei nº 1024 /97. Hoje o prédio é de propriedade particular.

- Joquei Clube de Ipameri - fonte:ypameri.com.br



Figura 13: Jôquei Clube, 1944



Figura 14: Após a última reforma



Figura 15: Imagem atual

Sede do Jôquei Clube de Ipameri, local de grandes bailes da sociedade ipamerina, inaugurado em 1943. A construção foi projeto do Engenheiro Waldemar Leone Ceva.

Nesta mesma época o Hipódromo onde aconteciam grandes eventos de corridas de cavalos, envolvendo várias cidades do país, as piscinas, inauguradas na década de 60, faziam parte do conjunto do Clube.

- Igreja Matriz de Ipameri – fonte: ypameri.com.br



Figura 16: Desenho linear como projeto para a construção.



Figura 17: Construção

O Projeto avançado de construção em 1936. A nova Matriz da então Matriz de Ypameri do Divino Espírito Santo foi inaugurada em 1938.



Figura 17: Imagem atual

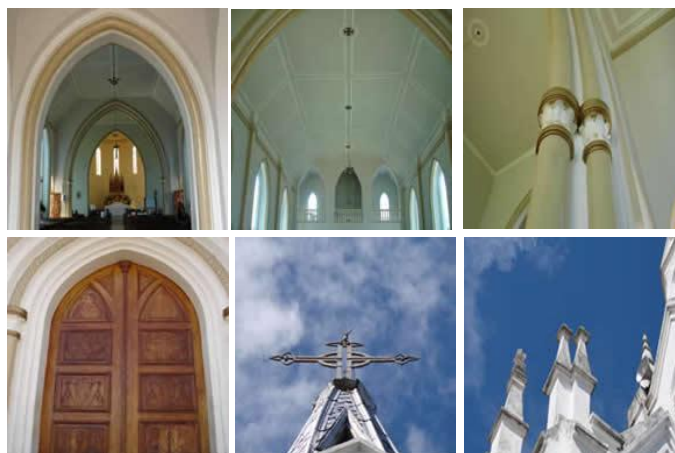


Figura 18: Detalhes arquitetônicos. Fonte: Acervo da Família Luiz Otelo Costa.

Anti
ga
Matr
iz do
Divi

no Espírito Santo, cujo nos anos 70 quando a diocese mudou-se para a cidade. Com seus detalhes da arquitetura interna da nave a Catedral é mantida em muito bom estado de conservação.

No ano 2001 o Governo do Estado patrocinou a última reforma e nela perdeu alguns ícones do históricos e sua originalidade, tais como a pintura branca no lugar da argamassa de cimento e malacacheta que lhe dava uma aparência natural e brilhante. Mesmo com as modificações sofridas com o tempo, a Matriz, hoje Catedral, conserva sua arquitetura neogótica básica original.

Não somente pelas construções que impulsionaram o desenvolvimento, a cidade possui um dos melhores acervos arquitetônicos e culturais do nosso estado.

Temática

Cultura e lazer

Tema

Centro cultural

Justificativa

Segundo Braga, patrimônio cultural é todo aquele que sendo objeto, construção ou ambiente, a sociedade lhe atribua um valor especial, estético, artístico, documental, ecológico, histórico, científico, social ou espiritual essencial a transmitir às gerações futuras. Portanto, o patrimônio é um instrumento educativo e demonstrativo dos valores éticos e morais da sociedade, a herança material criada pelo homem através da história.

Um princípio a ser considerado é o de dar à sociedade condições de acesso à cultura em geral. Seja ela popular ou “erudita”, ou seja, a soma de todas as formas de conhecimento absorvidos pela humanidade ao passar dos tempos.

Para tanto um primeiro passo é ter esses espaços na malha urbana sejam elas escolas, universidades, bibliotecas, teatros, museus, salas de música etc.

Outro aspecto relevante seria a união do edifício com um uso público e cultural, aliada à adequação do seu espaço para garantir um uso democrático e acessível do acervo dessas instituições, o que pode vir a reforçar as atividades cívicas do local, bem como perpetuar o bem (edifício) na memória da população.

Para que fosse justificado o porquê da escolha deste tema, foi levado em consideração além da condição histórica da cidade quanto ao fato da grande dificuldade em preservar seus patrimônios, sejam eles sítios urbanos de valor cultural, sítios arqueológicos, assentamentos indígenas; sejam as populações tradicionais, seus conhecimentos e práticas. Percebendo esta deficiência da cidade em possuir um lugar próprio às manifestações culturais, o projeto do Centro de Cultura e História Ipamerina tem como objetivo reunir as expressões socioculturais existentes em um único local, que hoje estão espalhadas em lugares pouco visitados e com uma infraestrutura inadequada, tornando esse espaço um centro de referência cultural para a cidade e o estado e

tendo a possibilidade de impulsionar o mercado turístico cultural da região que um dia foi considerada uma das cidades mais importantes do estado.

Conforme dados levantados pela UNESCO, o governo federal, setor privado e comunidade já tem sido feito muito com relação ao planejamento e à criação de sistemas de gestão – cultura, museus, patrimônio, e da mesma forma este equipamento trarão um orgulho ainda maior tanto para mim, como filho e apaixonado por esta cidade quanto a aqueles que conhecem, vivem ou até ouviram falar de Ipameri.

O Terreno escolhido

Endereço: Av. Dr, Gomes da Frota c/ Rua Rádio Amador Júlio Sampaio – Bairro Santa Cecília

Metros Quadrados: 27.810,00 m²

O terreno escolhido está entre as margens do ribeirão “*Vai-Vem*”, porém não apresenta um caimento natural para o mesmo, pois o terreno foi aterrado e planificado em sua parte central, apresentando uma diminuição de 2 (dois) metros de seu nível natural.

Inicialmente o terreno escolhido seria destinado a um lago para atividades recreativas, a prefeitura iniciou o processo de escavação, reduzindo parte a dois metros a baixo do nível da rua e retirando todas as vegetações nativas do local. Mas ficou apenas nisso, a verba destinada a construção do lago não foi mais repassada pelo governo do estado, deixando o terreno praticamente limpo.

Na década de 90 esta área sofreu a pior enchente já registrada devido às fortes chuvas, onde o ribeirão alcançou aproximadamente cerca de 2 (dois) metros a cima de seu nível. Após este incidente foram tomadas as devidas precauções, o ribeirão foi canalizado e rebaixado. Nos dias de hoje ele permanece em seu fluxo normal e com seu nível controlado

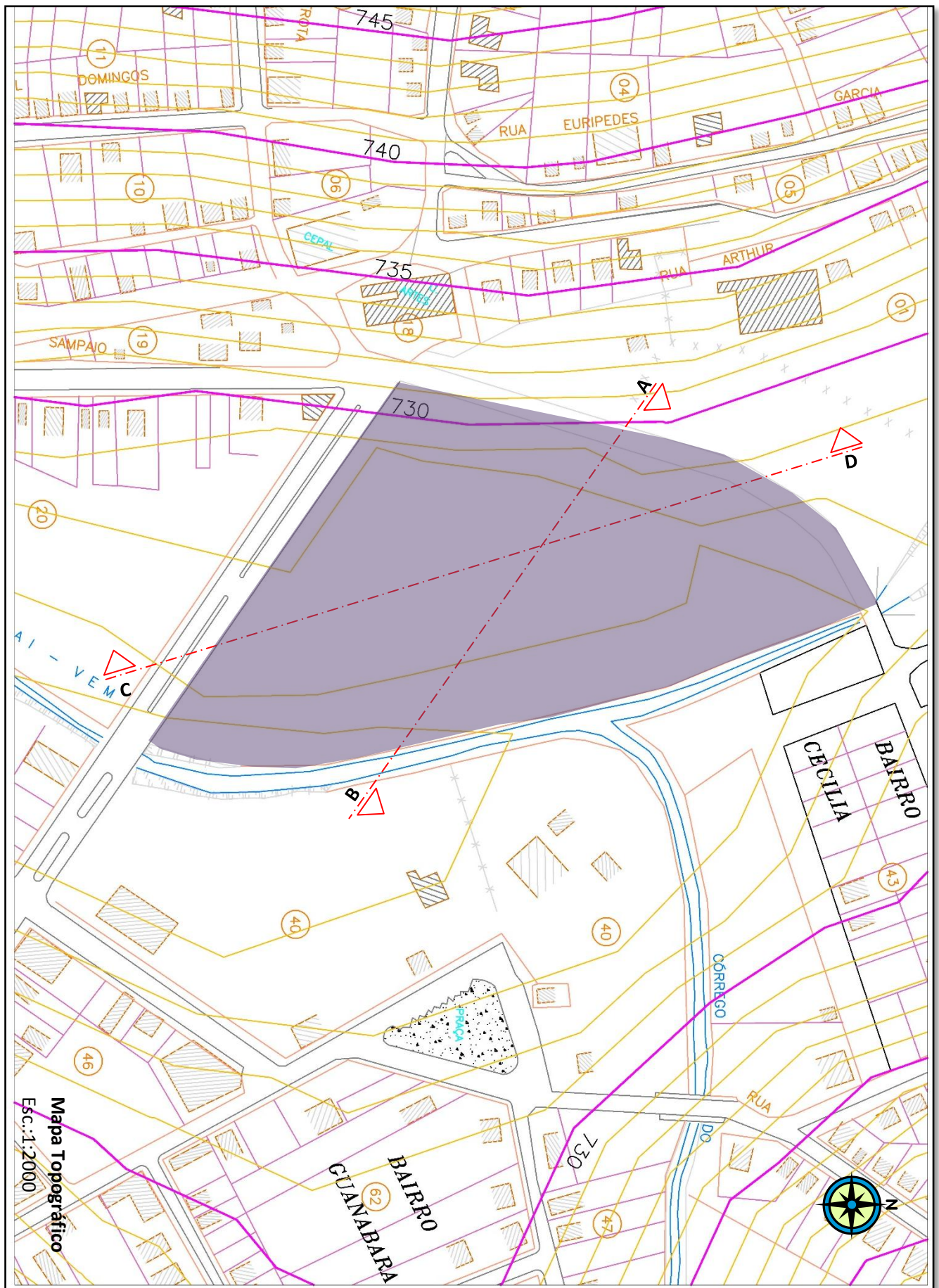


Figura 24: Enchente do ribeirão Vai-Vem na década de 90



Figura 25: Situação atual

Topografia





CORTE AB N=730

S/ escala



CORTE CD N=728

S/ escala

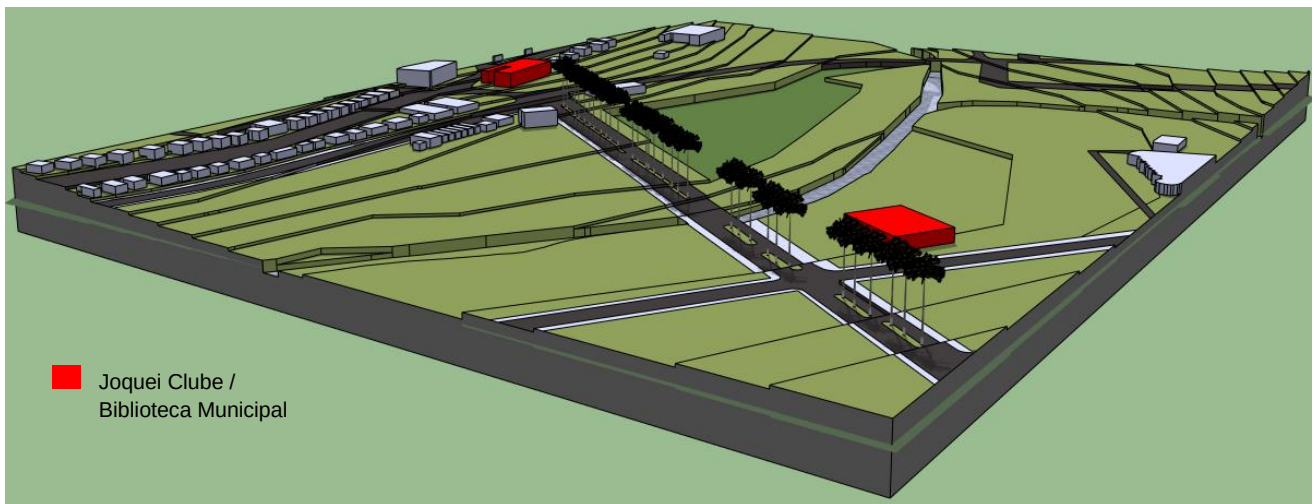


Figura 26: Maquete volumétrica do terreno



Figura 27: Mapa de cheios e vazios

Localização Geográfica

Área e Localização Geográfica da cidade de Ipameri:

- Área: 4.621km²,
- Localização: Microrregião homogênea 359 - Estrada de Ferro ou Sudeste Goiano. Limita-se ao Norte com Cristalina e Luziânia, a Noroeste com Orizona e Urutaí; a Oeste com Pires do Rio e Caldas Novas; a Sudoeste com Corumbáiba; ao Sul com Goiandira e Nova Aurora; a Leste com Catalão; a Nordeste com Campo Alegre de Goiás, parte de Cristalina e Paracatu-MG.
- Altitude: 800m

Localizada em posição estratégica, possui ligação com as principais cidades turísticas no sudeste de Goiás como Três Ranchos, Caldas Novas.

As rodovias que ligam Ipameri as principais cidades do estado são: de Goiânia pela BR-352 / Bela Vista de Goiás e Cristinópolis, GO-020 / Pires do Rio, GO-330. Outras distâncias de Ipameri são: Catalão (50Km), Campo Alegre (55 km), Goiandira (63 km), de Três Ranchos (89Km), Caldas Novas (60 km) e Urutaí (32 km).

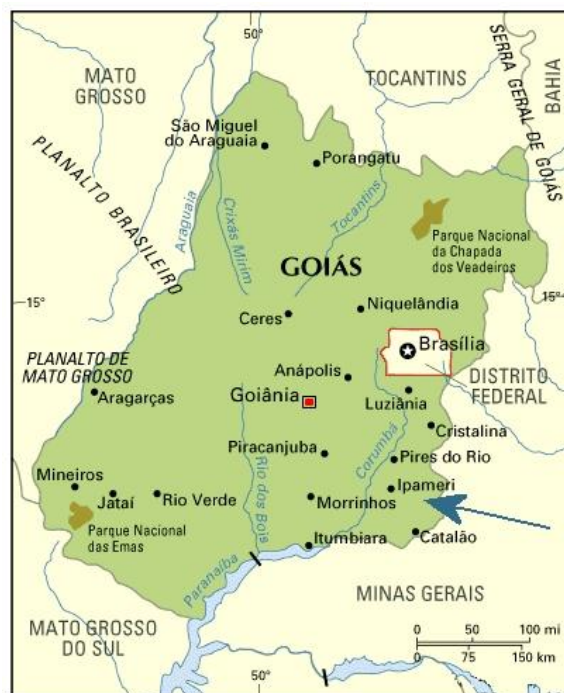


Figura 19: Mapa do estado de Goiás com a localização da cidade de Ipameri.

O Sítio



Após percorrer a cidade em busca de um lugar que fosse condizente com a proporção do edifício a ser projetado este foi o escolhido pelos seguintes fatos: localização, fluxo, e dimensão.



Figura 20: Imagem aérea da região. Fonte: Google Earth

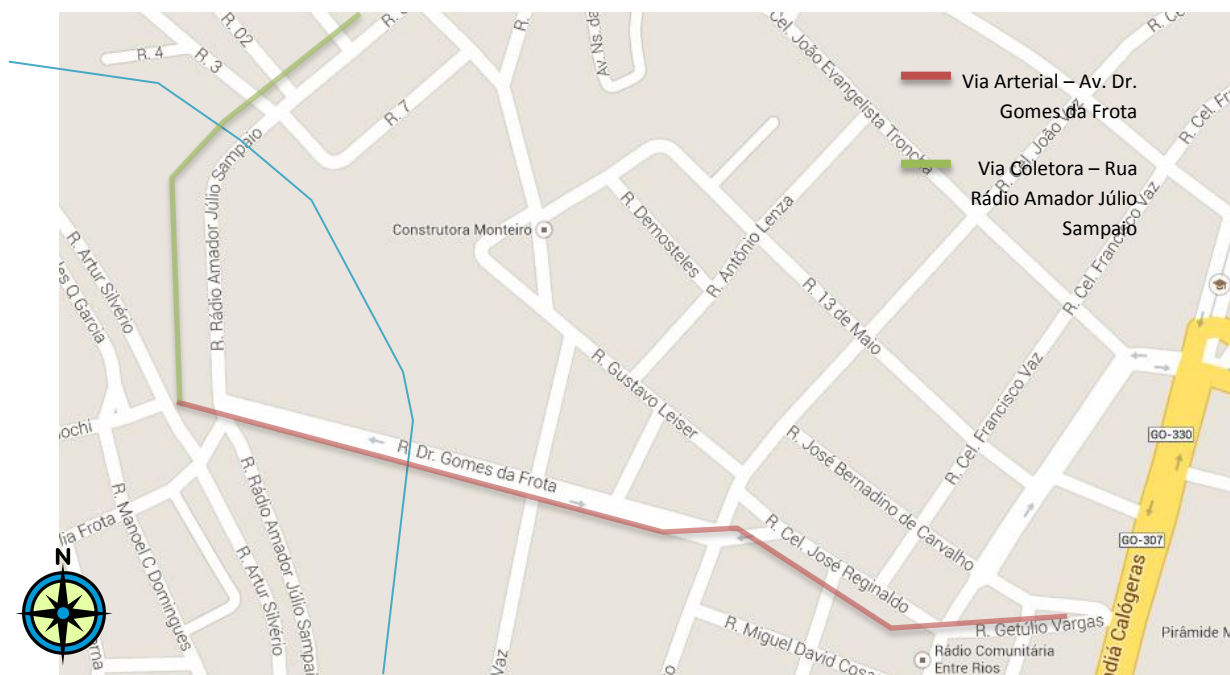
A área apresentada situa-se no bairro de Santa Cecília, próximo ao centro de Ipameri, as margens de locais e edificações importantes e com alta valorização. A beira do ribeirão Vai-Vem, ponto de partida histórico da cidade, o terreno encontra-se desocupado e em excelente estado de conservação.

Margeando o lote percebesse um bolsão verde dividindo os bairros Santa Cecília e Vila Baioch, tal taxa de ocupação se dá pelo afastamento necessário como área de preservação permanente, mas algumas casas não seguem este recuo pois são residências mais antigas construídas principalmente nas décadas de 60.

Abaixo destaco algumas edificações tombadas pela Lei Municipal nº 948/96. presentes na proximidade:

1. Edifício Dr. Raimundo Gomes da Frota (antiga prefeitura), construído na década de 30 (anexo);
2. Joquei Clube de Ipameri;
3. Sede da Biblioteca Pública Municipal "João Veiga" e antiga estação ferroviária;
4. Coreto da Praça da Liberdade construído em 1923 (anexo).

Fluxo e principais vias de acesso



O acesso ao lote restringe somente a duas vias diretamente, Avenida Dr. Gomes da Frota, e Rua Rádio Amador Júlio Sampaio.

A avenida Dr. Gomes da Frota inicia-se na Av. principal (Av. Pandiá Calógeras), onde situa a prefeitura e o Quartel do Exército. Esta avenida é o principal meio de acesso, nela se encontra a Igreja Matriz, a principal praça da cidade (Praça da Liberdade) e alguns edifícios tombados, já mencionados no tópico a cima.

Já a rua Rádio Amador Júlio Sampaio, se caracteriza como uma via coletora e de pequeno fluxo, via de acesso destinada a coletar e distribuir o fluxo da Av. Gomes da Frota, com acesso as áreas mais residenciais.



Figura 21: Avenida Dr. Gomes da Frota. Fonte: Beth Costa

Normalmente esta rua é de acesso rápido a saída da cidade, sentido a GO 330 que liga a Pires do Rio e Goiânia.

Com relação a orientação solar e micro clima, o norte se localiza na direção do início da rua Rádio Amador, sendo ideal o uso de elementos de proteção, tal como inércia térmica na região leste / oeste.

Quanto aos ventos dominantes, ocorre principalmente de leste/sudeste e chega com baixo teor de umidade (em agosto com valores de deserto) e, na outra época, soprando de norte/nordeste, vem carregado de umidade.

Segundo o Instituto Mário Borges¹⁷, a região em estudo tem clima tropical úmido, com a presença de duas estações bem definidas: um verão úmido e um inverno seco, cujas temperaturas médias variam entre 18° e 26° C.

¹⁷ IMG, Instituto Mauro Borges. "Estado de Goiás" Disponível em: <http://www.seplan.go.gov.br/sepin/goias.asp?id_cad=6000>. Acessado em: 20 mar. 2013

A incidência solar nas fachadas, de acordo com a carta solar da cidade, demonstra que a fachada norte possui maior índice de insolação, chega receber insolação em todos os períodos do dia. A fachada leste recebe insolação no período da manhã e a oeste no período da tarde. A fachada sul recebe o menor índice de insolação.

A topografia do sítio é bastante acentuada, sendo cortada por 6 curvas de nível na parte mais larga do terreno.

Segundo o Sistema de Meteorologia e Hidrologia do Estado de Goiás⁴⁷, a direção predominante dos ventos na cidade de Goiânia varia com as estações do ano, no período seco a predominância dos ventos é na direção nordeste e sudeste, a direção sudeste possui frequência de 23,8%, seguida da direção nordeste com 20,7% e sendo leste a de menor frequência com 6,7%. No período chuvoso a predominância é na direção norte e nordeste, onde a direção norte é de 44,5%, a direção nordeste 43,5% e a direção sudoeste possui menor frequência com 14,8%.



Figura 23: Posição solar (nascente). Fonte: Google Earth

Estudos de caso

A definição da forma, elementos de fachada, relação com o terreno e o modelo estrutural, o projeto elaborado foi embasado análises feitas dos estudos de caso, como o Centro Comunitário Kanayama de Kengo Kuma, 2009 em Ota, Gunma Japão, onde o arquiteto tem uma relação direta da sua obra com o local, trabalhando a sua forma em um terreno com uma diferença de níveis de 6m, desta forma ele mantém uma associação com a rica natureza circundante. O arquiteto também trabalha muito bem os elementos de fachada trazendo uma relevância e agregando um valor contemplativo significativa a toda edificação.

Como contraste o Museu de Arte Contemporânea de Buenos Aires do grupo de arquitetos Monoblock, 2013 em Mar del Plata, Argentina, possui um jogo de formas e materiais que serviram de inspiração para o projeto do CCHI, a permeabilidade visual, a livre circulação e o uso do concreto aparente fazem referência a grandes obras da arquitetura moderna já produzidas, principalmente nas décadas de 70 e 80.

Tentarei identificar através dos estudos de caso, esses e outros elementos dos quais fizeram com que eu pudesse chegar a concepção final do Centro de Cultura e História de Ipameri.

Centro Comunitário Kanayama

Relação do edifício e seu contexto

Arquitetos: Kengo Kuma & Associates

Localização: Cidade de Ota, Gunma, Japão

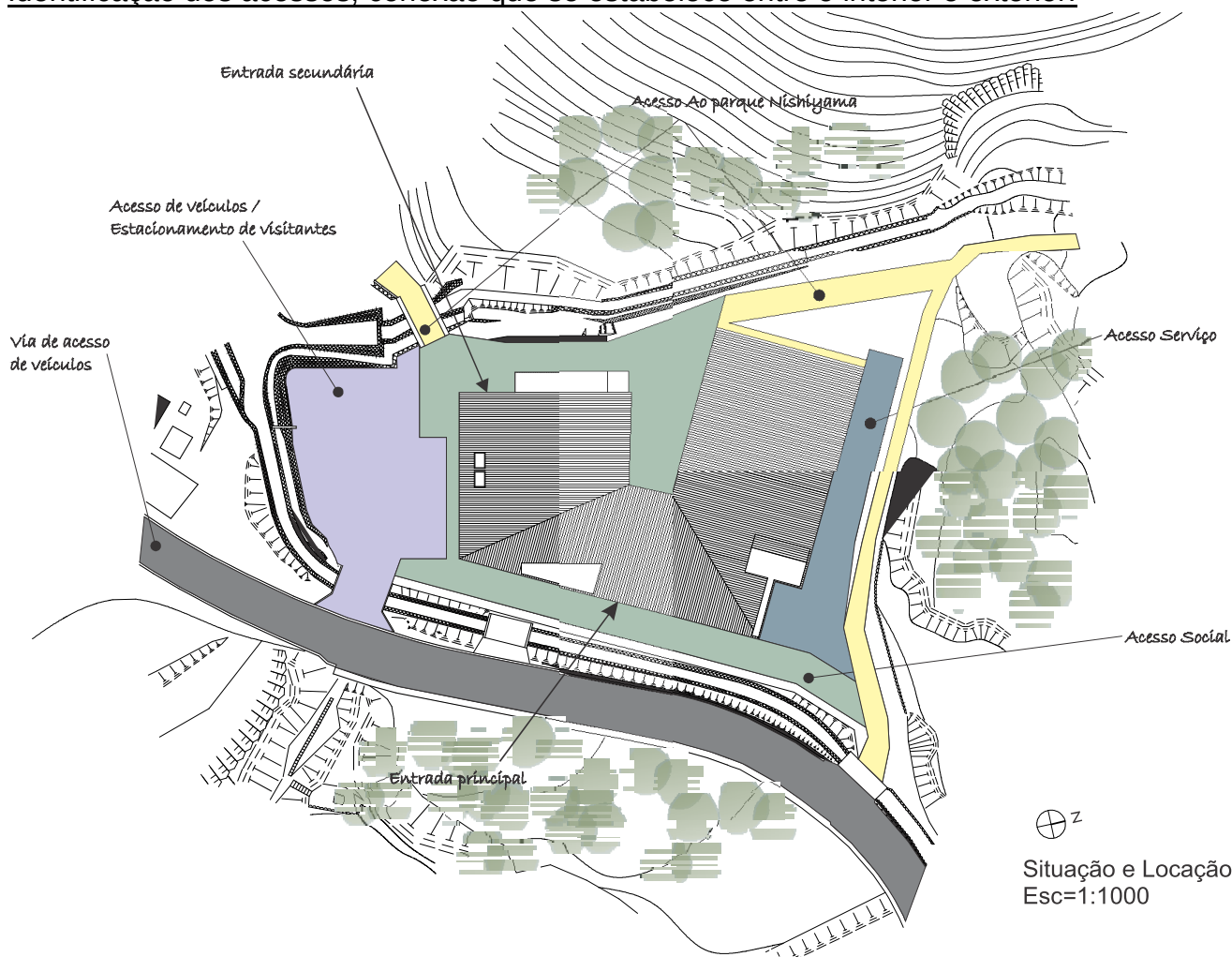
Cliente: Cidade de Ota, Prefeitura de Gunma

Área do terreno: 3318,69 m²

Área construída: 1676,89 m²

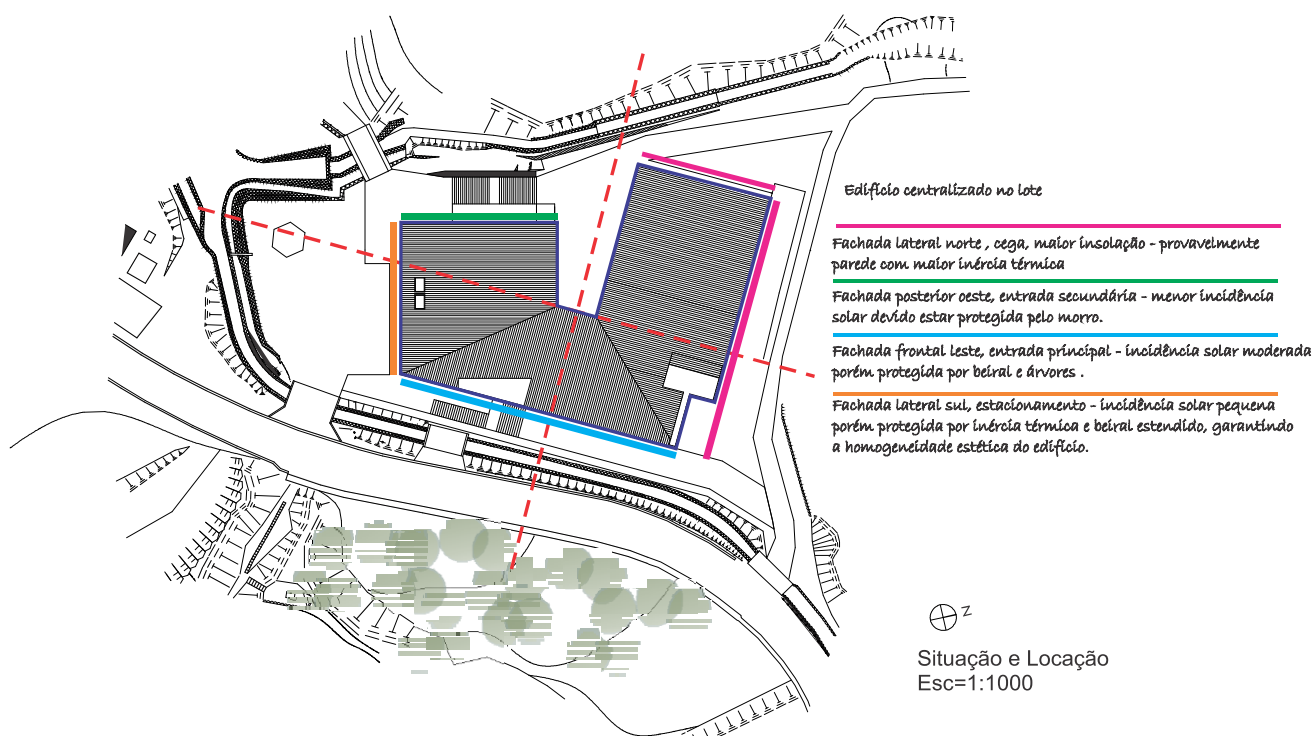
Ano: 2009

Identificação dos acessos, conexão que se estabelece entre o interior e exterior.

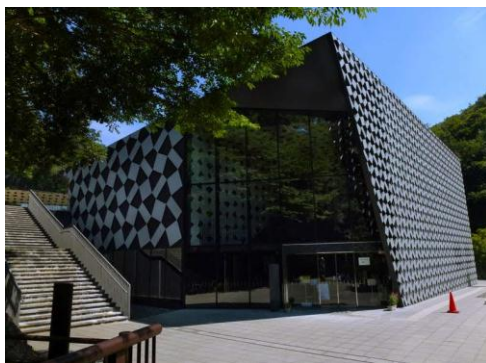


Na planta de situação e locação do edifício, destaco os acessos e a relação dos mesmos com seu terreno, a ligação que se faz com parque municipal na parte posterior e os acessos as entradas sociais e de serviço.

Forma de implantação, como o edifício está inserido no terreno.



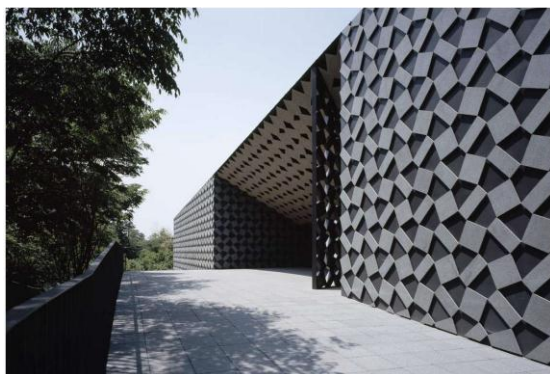
O edifício é locado no centro do lote, podendo facilmente identificar o estudo das fachadas de acordo com a insolação.



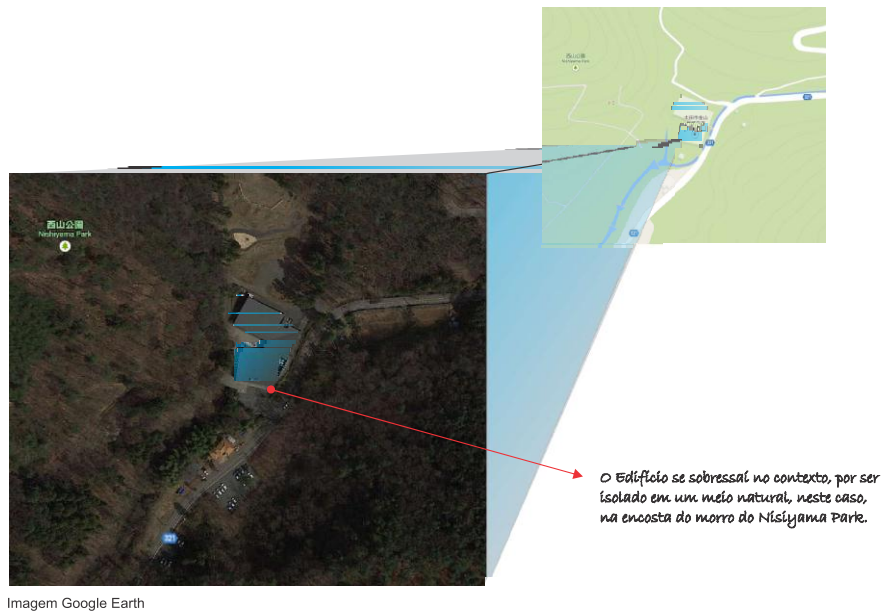
Fachada oeste (entrada secundária) fonte: panoramio.com



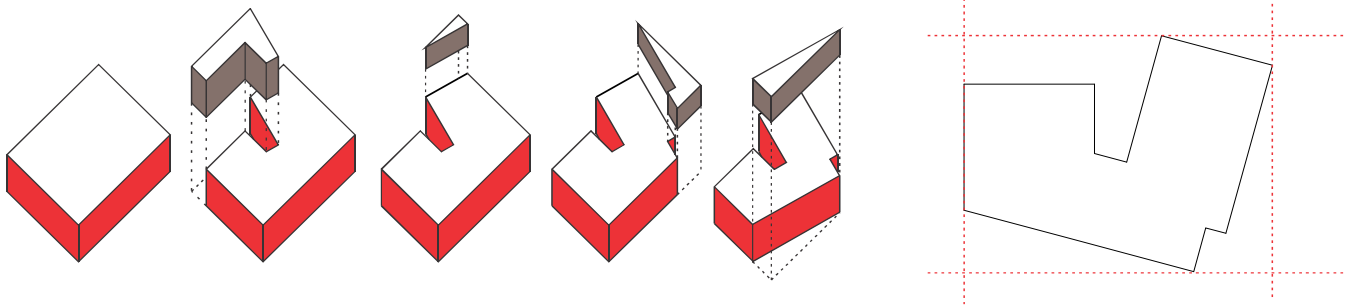
Fachada Sul (estacionamento) fonte: panoramio.com



Fachada leste (entrada principal) fonte: panoramio.com



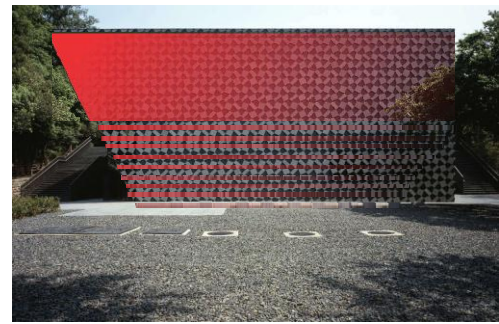
Configuração forma e análise gráfica do edifício



Modelagem algébrica / Morfologia – Processo desenvolvido por meio de exclusão de formas. Cujo seu módulo inicial se deu através de um prisma de base retangularm



Vista da praça comunitária. Fonte: Archdaily



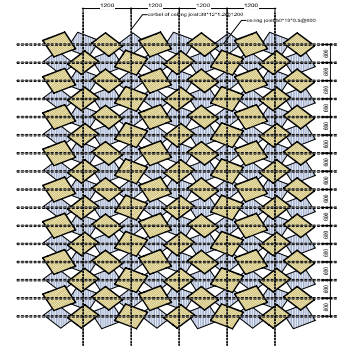
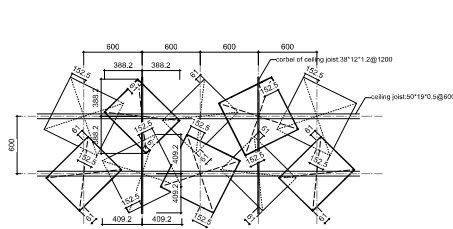
Vista do estacionamento. Fonte: Archdaily

A praça comunitária (a esquerda) caracteriza uma forma cívica trazendo uma área de integração social e com o exterior. A forma do edifício, em específico a vista do estacionamento caracteriza como um elemento disperso e segregado, um edifício isolado diferente do gabarito do entorno.

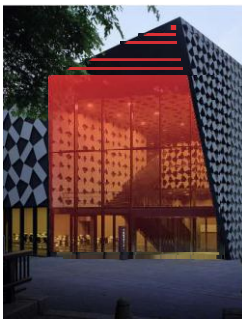


Detalhe do revestimento da fachada.

Fonte: Archdaialy

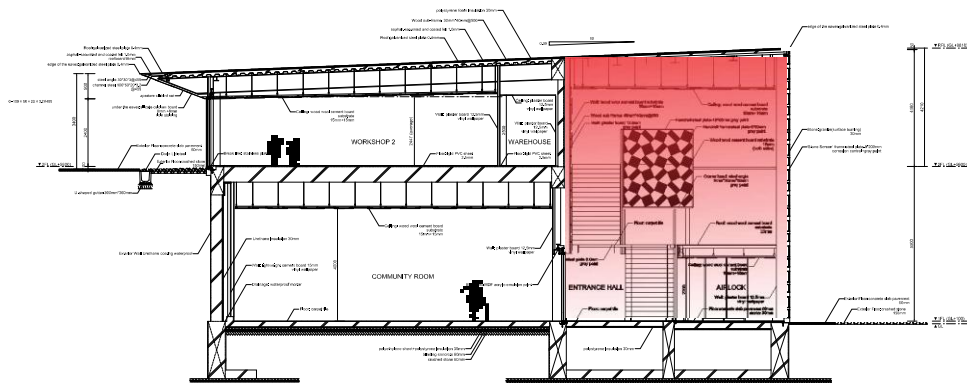


Materialidade e Sustentabilidade caracterizam o uso das placas cimentícias como elemento de revestimento e proteção das faces externas com um tipo de inércia térmica ajudando no conforto térmico as faces sem proteção natural.



Vista do acesso secundário.

Fonte: Archdaialy



Teoria dos grafos, no interior do edifício, vão's dão continuidade e ligação aos demais pavimentos

O lugar está localizado no sopé do Castelo de Kanayama, conhecido por sua bonita parede e pavimento de pedra. É um centro comunitário que incorpora estruturas de orientação para este lugar histórico e um workshop para os moradores locais, visando o ensino de artesanato e de tingimento. O local está dividido perto do centro por uma diferença nos níveis de 6m. Tendo essa característica física em mente, ele foi projetado para formar uma pista que vagamente liga as duas instalações, trazendo para dentro uma noção de distância para com sua rica natureza circundante. Tecnicamente, o volume do centro comunitário de dois andares é substituído por um muro de contenção, e está ligado ao nível 2 para a instalação de orientação via o 'quadrado comunitário' no 2º andar, proporcionando assim um layout circulativo. Toda a arquitetura, portanto, é o muro de contenção. (Kengo Kuma)

Museu de Arte Contemporânea de Buenos Aires

Arquitetos: Monoblock – Marcos Amedeo, Fernando Cynowiec, Juan Granara, Adrián Russo, Alexis Schächter

Localização: Mar del Plata, Província de Buenos Aires, Argentina

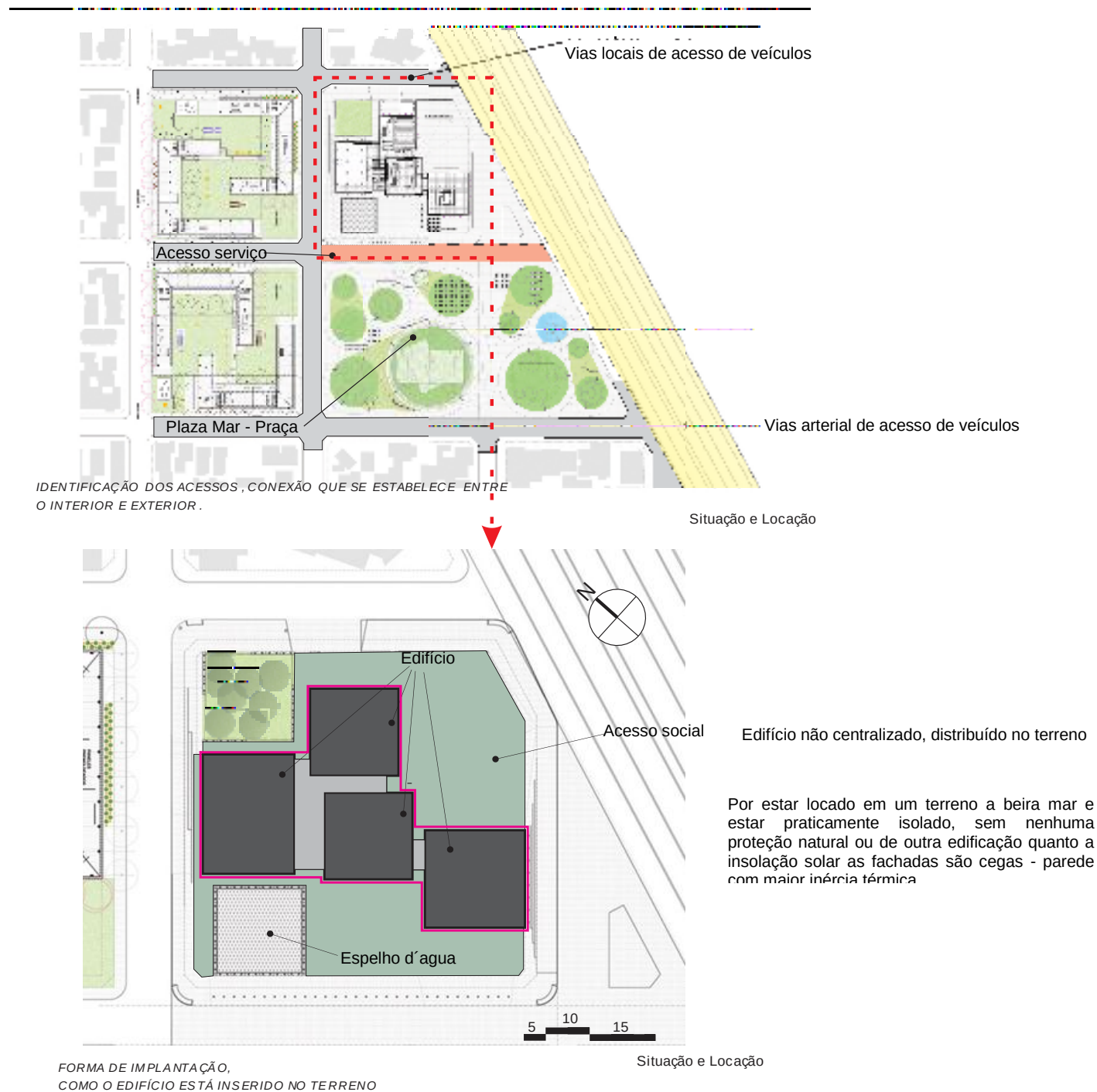
Cliente: Cidade de Ota, Prefeitura de Gunma

Área do terreno: 7050 m²

Área construída: 1676,89 m²

Ano: 2009

Relação do edifício e seu contexto





Fachada Frontal - foto: Archdalaly



Fachada lateral leste- foto: Archdalaly



Fachada lateral norte- foto: Archdalaly



Fachada posterior - foto: Archdalaly



Perspectiva Aérea - foto: Monoblock



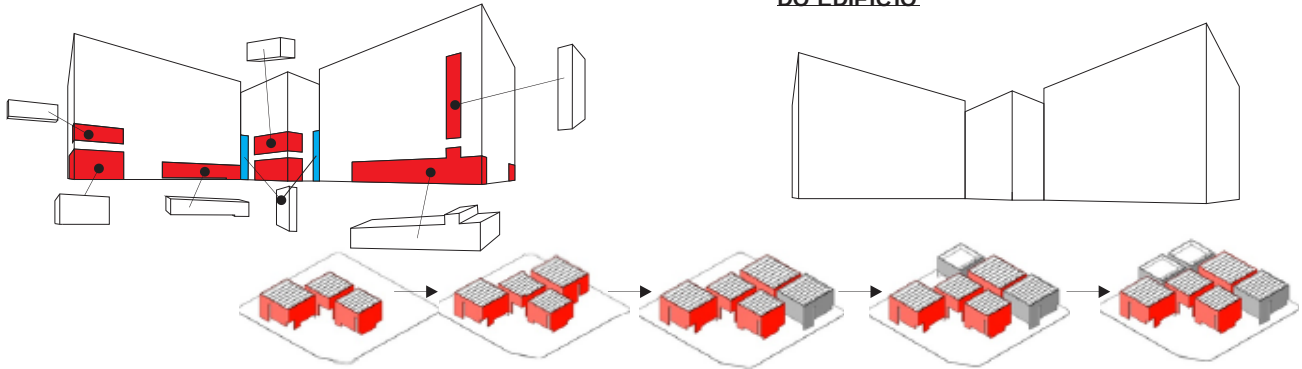
Relação com o entorno - foto: Monoblock

“Em um terreno de frente para o mar na costa da cidade de Mar del Plata se propõe a construção de um novo programa cultural de grande envergadura para a cidade. Nos permite imaginar a centralidade, forçando a presença de um marco para as áreas residências, representando assim a consolidação metropolitana de Mar del Plata. A proposta, neste sentido, reivindica atenção através de um edifício de forte caráter público com um grande porto seco para o mar, e de uma materialidade nua e robusta em seu volume construído que emoldura uma praça de acesso e

exposição. O museu, como pedras de um paredão quebra-mar enfrenta o mar que observa a cidade de longe. A escala do projeto é uma visão acerca da própria cidade, de seu tamanho, sua vitalidade, e do esforço levado a cabo para posiciona-la como uma cidade com propostas culturais em nível internacional. O entorno urbano como um todo, é natural, cremos que nos exige pensar o novo museu em uma escala de uma grande metrópole.” - Marcos Amedeo

Configuração formal e análise gráfica do edifício

CONFIGURAÇÃO FORMAL E ANÁLISE GRÁFICA DO EDIFÍCIO



MODELAGEM ALGÉBRICA / MORFOLOGIA - Processo desenvolvido por meio de exclusão e inclusão de formas. Cujos módulos iniciais se deram através de um prisma de base retangular.

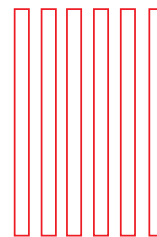
FORMACÍVICA - Área de integração



Fachada frontal - fonte: Monoblock

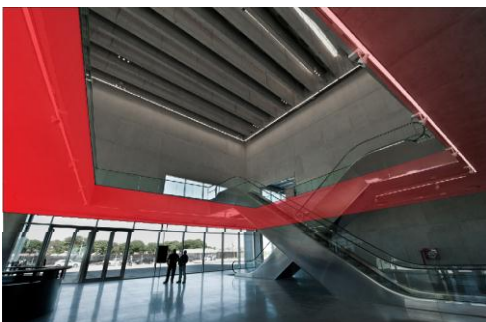
MATERIALIDADE E SUSTENTABILIDADE - concreto aparente com ventilação superior

Fachada frontal - fonte: Monoblock



Vista interna cobertura - fonte: Monoblock

TEORIA DOS GRAFOS - Pé direito favorece a continuação visual.

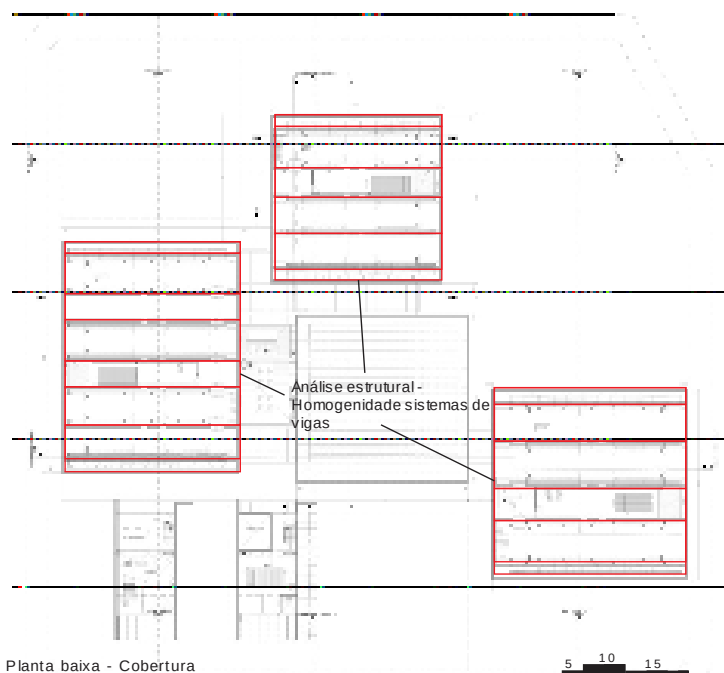


Circulação superior - fonte: Monoblock

AMBIENTE DISPERSO E SEGREGADO - Contraste com o entorno.



Perspectiva aérea - fonte: Monoblock



Planta baixa - Cobertura

Análise de fluxo e de ambientes

Matriz de Correspondência

Auditório	Sala de Reparo 1	Sala de Reparo 2	Sala de Máquinas	Praca Comunitária	Balcão de Inf.	Sala de exposição 1	Sala de exposição 2	Restaurante	Escritório 1	Escritório 2	Sala de Estudo	Segurança	Galeria
Auditório	X	X	X	X	X	X	X	X	X	X	X	X	X
Sala de Reparo 1	X	X	X	X	X	X	X	X	X	X	X	X	X
Sala de Reparo 2	X	X	X	X	X	X	X	X	X	X	X	X	X
Sala de Máquinas	X	X	X	X	X	X	X	X	X	X	X	X	X
Praca Comunitária	X	X	X	X	X	X	X	X	X	X	X	X	X
Balcão de Inf.	X	X	X	X	X	X	X	X	X	X	X	X	X
Sala de exposição 1	X	X	X	X	X	X	X	X	X	X	X	X	X
Sala de exposição 2	X	X	X	X	X	X	X	X	X	X	X	X	X
Restaurante	X	X	X	X	X	X	X	X	X	X	X	X	X
Escritório 1	X	X	X	X	X	X	X	X	X	X	X	X	X
Escritório 2	X	X	X	X	X	X	X	X	X	X	X	X	X
Sala de Estudo	X	X	X	X	X	X	X	X	X	X	X	X	X
Segurança	X	X	X	X	X	X	X	X	X	X	X	X	X
Galeria	X	X	X	X	X	X	X	X	X	X	X	X	X

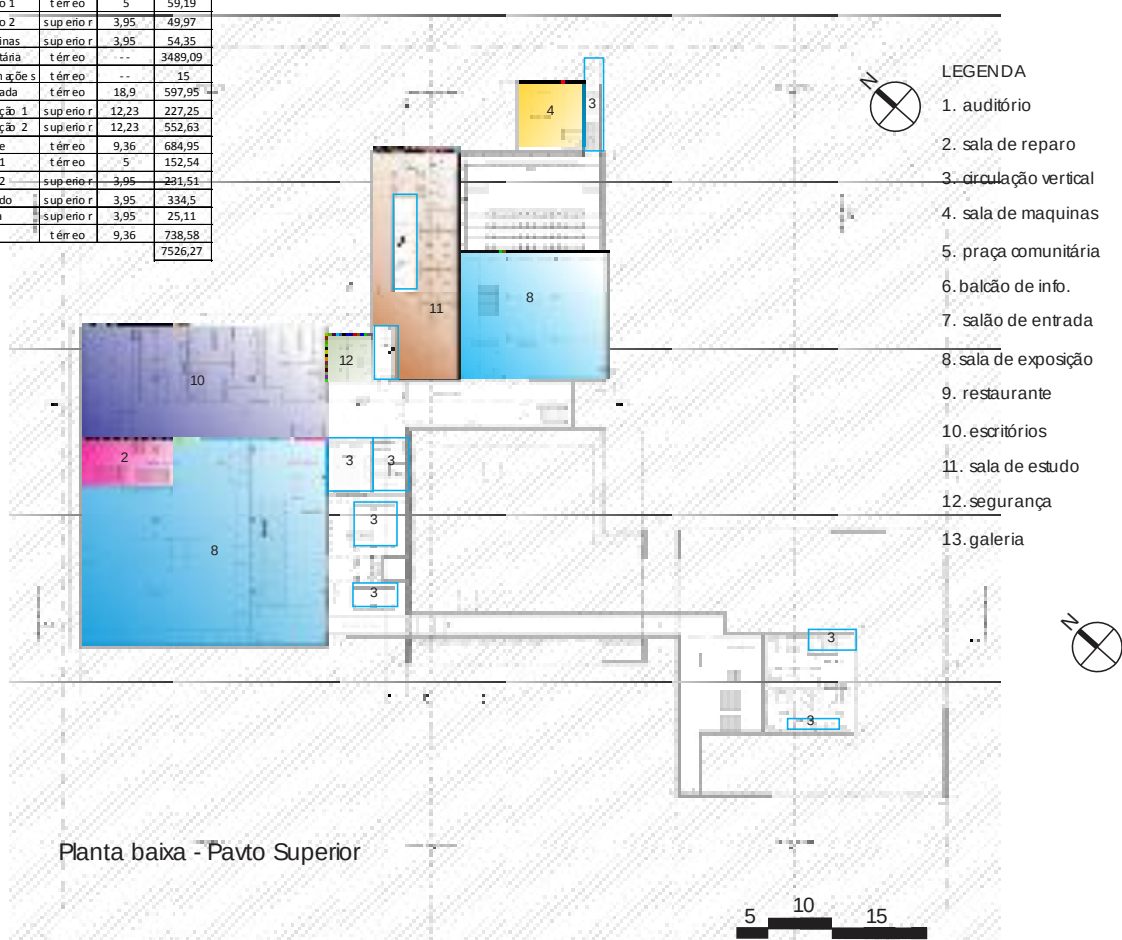
● Interligado
○ Próximo
X Longe



Planta baixa - Térreo

Quadro Síntese

Ref.	Quant.	Fluxo	Ambiente	Pvto	Altura	M²
1	1	vis. tantes	auditório	térreo	8,62	313,65
2	2	serviço	sala de reparo 1	térreo	5	59,19
			sala de reparo 2	superior	3,95	49,97
4	1	serviço	sala de máquinas	superior	3,95	54,35
5	1	vis. tantes	praça comunitária	térreo	-	3489,09
6	1	vis. tantes	balcão de informações	térreo	-	15
7	1	vis. tantes	salão de entrada	térreo	18,9	597,95
8	2	vis. tantes	sala de exposição 1	superior	12,23	227,25
			sala de exposição 2	superior	12,23	552,63
9	1	vis. tantes	restaurante	térreo	9,36	684,95
10	2	serviço	escritório 1	térreo	5	152,54
			escritório 2	superior	3,95	231,51
11	1	vis. tantes	sala de estudo	superior	3,95	334,5
12	1	serviço	segurança	superior	3,95	25,11
13	1	vis. tantes	galeria	térreo	9,36	738,58
						7526,27



Planta baixa - Pavto Superior

LEGENDA

1. auditório
2. sala de reparo
3. circulação vertical
4. sala de máquinas
5. praça comunitária
6. balcão de info.
7. salão de entrada
8. sala de exposição
9. restaurante
10. escritórios
11. sala de estudo
12. segurança
13. galeria

Análise

Pessoal do objeto

Os elementos de composição da fachada, detalhe característico nos projetos de Kengo Kuma, foi o que mais me chamou a atenção. Porém analisando com mais detalhe o projeto, pude identificar que a obra foi bem resolvida quanto as questões de insolação, acessibilidade e de topografia, por estar locado em um terreno acidentado, ou seja, praticamente na encosta de um morro.

Analisando os tipos de ambientes, percebi que há uma grande quantidade de depósitos” na edificação, desde o térreo até o 3 pavimento. Algo que julgo desnecessário esta divisão, pois poderia ser pensado em um melhor uso. Continuando com os ambientes, por se tratar de um centro comunitário, senti falta de ambientes destinados a população, tais como: salas de estudo, um local para apresentações, enfim, ambientes que gerem uma maior integração com a comunidade local.

Porém, essa é a minha visão do projeto, uma vez que, não se encontra detalhes mais aprofundados da obra, como um memorial justificativo.

Fazendo uma reflexão com a proposta do meu tema, os elementos identificados neste estudo, são de grande valor. Algo grandioso, porém discreto, que realce a beleza do local, não descaracterizando o entorno.

Já o Museu de Arte contemporânea de Buenos Aires possui mais uma característica de monumento, com suas formas retilíneas, sua assimetria, a forma com que os autores do projeto trabalham com as formas geométricas.

O local também favorece a visão do edifício, por ser uma área plana e principalmente por estar em um bairro residencial de baixa densidade e em um conjunto de praças a beira mar. as salas foram projetadas com pé direito alto para aproveitar a possibilidade de iluminá-las zenitalmente.

Em sua ampliação, o museu propõe uma clara separação de tipologia de uso, no piso térreo, a incorporação de grandes salas "galpão" flexíveis, preparadas para grandes espetáculos massivos com acessos diferenciados pela parte externa, ou salas menores isoladas para distintas mostras audiovisuais.

As Salas de exposição se encontram no piso superior, deixando o pavimento térreo livre tendo uma relação direta com as áreas livres, os acessos, a escala é condizente com a do bairro de seu entorno. Esta decisão permite pensar uma planta baixa aberta e transparente em função do programa que abriga, enquanto que a planta do piso superior é predominantemente sólida

Classificação Modular

Um sistema de módulos independentes. Um edifício de estrutura funcional aberta com quatro módulos cúbicos de estrutura e fechamento de concreto aparente configuram cada um dos módulos. Um módulo central com o mesmo tratamento funcional, permitindo uma máxima configuração de montagens de exposições, facilitando a organização de uma exposição inteira ocupando a totalidade das salas, como uma montagem diferenciada.

O projeto busca uma intervenção diretamente sobre a costa de maneira contínua das características de praça pública, enfatizando sua perspectiva como posição de marco urbano.

Diante destas análises pude perceber que não se trata de apenas de uma edificação, mas de um conjunto de elementos que unidos e trabalhados corretamente fazem um bom partido arquitetônico.

Referências teóricas

Fazendo uso da ideia do *Genius loci*, entretanto, utilizando-se do termo “Regionalismo Crítico”, Keneth Frampton, no artigo “Perspectivas para um regionalismo crítico”, discuti a relação entre o local e o global. Para este autor a arquitetura se transformou, durante o período moderno, em um tipo de “moda efêmera (formas individuais de narcisismo) ou como cenografia”. Para ele, está forma de ver, fazer e interpretar a arquitetura “nega a expressão e a identidade local”, a arquitetura passa a ser tratada como produto de consumo em massa onde o lugar é completamente indiferenciado. Neste contexto surge, para Frampton, a problemática de saber como ceder à modernização sem perder as raízes.

Para Frampton a relação entre a arquitetura e o lugar, estabelecida por sua abordagem regionalista, se dá por meio do trabalho da topografia do terreno (o modelo do lugar construído). Para o regionalismo crítico esta noção de “construir o lugar” é o essencial.

Além da topografia, o regionalismo crítico se vincula a luz e ao clima da região, o artesanato e os materiais locais. Ele se empenha em cultivar uma cultura contemporânea orientada para o lugar, sem, com isso, se tornar algo excessivamente hermético, tanto a nível formal quanto tecnológico. Pretende, assim, estabelecer “uma visão teórica alternativa que sirva para dar continuidade ao exercício crítico da arquitetura” e procura “uma arquitetura que seja capaz de condensar o potencial artístico da região e, ao mesmo tempo, de reinterpretar as influências culturais vindas de fora”.

Apresentando outro ponto de vista, Marc Augé trabalha no conceito de lugar tomando por base a antropologia. Assim, o lugar está intrinsecamente ligado com as pessoas que dele fazem uso.

“O contexto, de uma parte, é o planeta inteiro, um mundo onde a circulação, a comunicação e o consumo são privilegiados. Não se pode dizer que todos consomem ou circulam na mesma proporção. Há um sistema de valores, ambientes e um aparelho tecnológico que caminham em paralelo. (...) há espaços inéditos no mundo atual, justamente os de circulação e consumo, sem precedentes no século anterior”.⁴

Um paradoxo é criado por Marc Augé: os lugares, espaços socialmente constituídos que acompanham a modernidade, mas que com as recentes transformações da sociedade eles vão se perdendo, desaparecendo, e sendo substituídos por outros aos quais o autor dá o nome de não-lugares. Em contra partida pode se ter não-lugares em todos os lugares e em todos os não-lugares os lugares podem se recompor: “lugares e não-lugares correspondem a espaços muito concretos mas também a atitudes, a posturas, à relação que os indivíduos mantem com o espaço onde vivem ou que eles percorrem”.⁵

⁴ AUGÉ, Marc. *Não-lugares: introdução a uma antropologia da supermodernidade*. Campinas: Papirus, 1994.

⁵ NORBERG-SCHULZ, Cristian. *O pensamento de Heidegger sobre arquitetura*. In Nesbitt, Kate. *Uma nova agenda para a arquitetura – antologia teórica 1965-1995*. São Paulo: COSAC NAIFY, 2008.

Para Marc Augé os lugares correspondem a uma relação forte entre o espaço e a sociedade, e são portadores de três dimensões: eles são identitários, históricos e relacionais. A partir destes três elementos Marc Augé define o lugar antropológico. Este é triplamente simbólico, porque simboliza a relação de cada um dos seus ocupantes consigo (identidade), com os outros (relacional) e com a história comum de ambos.

Para o autor “o estatuto intelectual do lugar antropológico é ambíguo. Não é senão a ideia, parcialmente materializada, que aqueles que o habitam fazem da sua relação com o território, com os que lhes são próximos e com os outros”⁶. Segundo Augé esta ideia varia com o lugar e com o ponto de vista de cada um. Afirma ainda que os lugares antropológicos são produtos de um conjunto de relações sociais.

Verifica-se uma vertente historicista para a arquitetura pautada no lugar enquanto espaço construído (ou não), onde se estabelece relações. Relações estas que podem ser do cidadão com o ambiente, do cidadão com o outro ou com ele mesmo, do ambiente construído com a topografia. O lugar nesta corrente remete as memórias, memórias de quem habita a cidade, o edifício, lembranças da própria cidade enquanto tal.

Paralelamente a esta corrente, mas também embasado no *genius loci*, existem outras linhas de pensamentos que levam em consideração não apenas o *lugar* enquanto história. Neste ponto de vista arquitetos e teóricos da disciplina fazem uso da filosofia para repensar a arquitetura moderna.

Martin Heidegger encampa essa vertente de pensamento e contribuiu consideravelmente com os teóricos da arquitetura, embora sua área de atuação fosse a filosofia e ele nunca tenha escrito especificamente sobre disciplina. Para este o lugar é existencial, humanizado, concreto e pressupõe o “habitar” para adquirir significado e sentido. Para Heidegger⁷ o lugar existencial é um lugar específico onde o homem habita. O *lugar* é sempre uma construção na qual participam a natureza (o céu e a terra), o homem e o divino de modo harmonioso.

O pensamento existencialista de Martin Heidegger está em comum acordo com o tema metafórico da casa e serve “ao desenvolvimento de uma retórica arquitetônica capaz de deslocar a linguagem da filosofia, num procedimento que levará a filosofia a ser um pensamento sobre a habitação”.⁸

*“esta questão ontológica não pode ser resolvida sem que se reconheça que, ao redor do sujeito existencial, gravita tudo aquilo que lhe é familiar, os utensílios e a casa como materialização de uma vida que se desenvolve através de um tempo existencial, não cronológico – passado, presente e futuro experimentados a partir da própria subjetividade.”*⁹

Baseado em um discurso fenomenológico, ancorado, além de Martin Heidegger, e Edmund Husserl e Jean Piaget, Norberg-Schulz define o lugar como parte da existência é Para ele o potencial fenomenológico da arquitetura está na “capacidade de dar significado ao ambiente mediante a criação de lugares específicos”.¹⁰

8 NORBERG-SCHULZ, Cristian. O pensamento de Heidegger sobre arquitetura. In Nesbitt, Kate. Uma nova agenda para a arquitetura – antologia teórica 1965-1995. São Paulo: COSAC NAIFY, 2008.

9 HEIDEGGER, Martin. Construir, habitar, pensar. In Ensaios e conferências. São Paulo: Vozes, 2008.

10 NORBERG-SCHULZ, Christian. O fenômeno do lugar. In Nesbitt, Kate. Uma nova agenda para a arquitetura – antologia teórica 1965-1995. São Paulo: COSAC NAIFY, 2008.

Desta forma, o suporte existencial, que é o objetivo da arquitetura para Norberg-Schulz, é constituído pelo homem através de sua relação com o meio, realizada em dois planos: o da percepção e o do simbólico. Ainda de acordo com este autor, a estrutura de um lugar, seja natural ou construído, se compõe de duas categorias: o espaço e o caráter, entendendo, segundo Norberg-Schulz, espaço como terra e caráter como céu, os quais analisados pela percepção e pelo simbolismo darão suporte existencial ao homem ao habitar.

Com base na fenomenologia do lugar, podemos perceber este como objeto de manifestação dos sentidos e como estrutura que reúne existência e significação, homem e mundo.

Assim, o conceito de lugar não é definido no pós-modernismo como algo pronto, sistematizado e acabado, ele está relacionado com o humano, seja sob uma perspectiva de espírito (*geniu loci*), da relação com o ser (antropológico) e da existência (fenomenologia).

Sob este enfoque, será analisada a obra de Reidy relacionando-a com o conceito de lugar, observando a difusão pós-modernista.

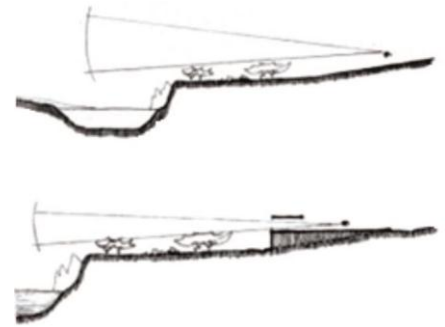


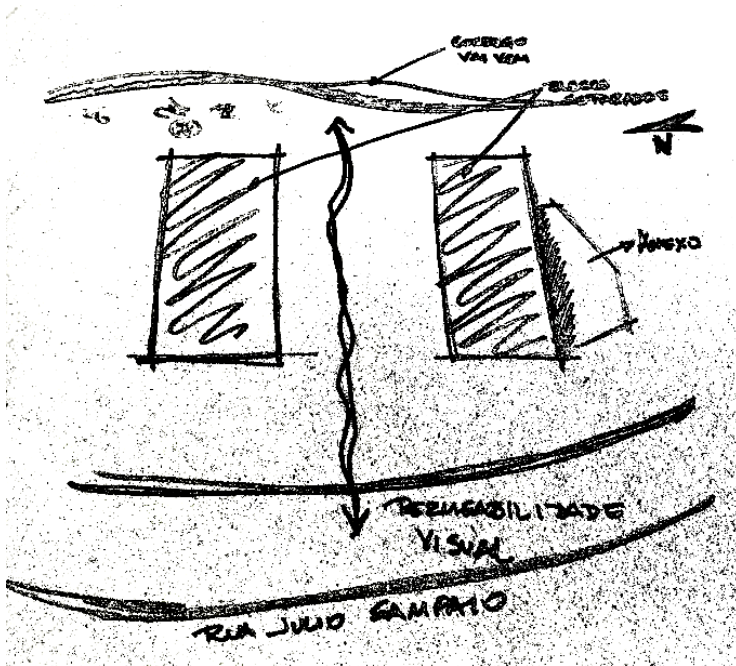
Figura xx: Corte esquemático de Reidy para a plataforma que onde se assenta o Colégio Paraguai-Brasil com vista para o rio.

Projeto Conceito e Partido

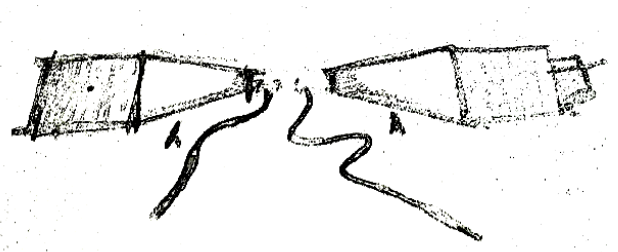
A relação direta da fachada com a rua definiu a implantação do edifício de exposições e do auditório, deixando a área educacional, administrativa na parte posterior do lote, assim desta forma permite uma visualização geral do conjunto.

Entre os edifícios de destaque há uma praça semicoberta cuja cobertura translúcida possui um sistema de brises mecânicos que atenuam a incidência direta de luz e calor. No piso inferior – subsolo – está locada toda parte de triagem do acervo, com acesso controlado possibilitado acessos independentes às áreas de manutenção e circulações verticais.

A apropriação do terreno foi pensada em se utilizar o espaço de forma que a edificação não perdesse a característica das cidades interioranas, onde o principal ponto de encontro são as praças e associada a essa ideia a edificação é inserida de forma a traçar um circuito de visitação, com caminhos livres tanto para contemplação quanto para as atividades ali presentes.



Croqui demonstrando a permeabilidade visual.



Croqui da perspectiva com ponto de fuga.

No intuito de melhor apropriação do espaço, tanto ao público como as atividades, e levando em consideração ao entorno, o que resultou como definição final foi a elevação da edificação ao nível da rua, uma extensão da calçada, o piso público, invade o interno, como um convite ao espaço expositivo, à praça central e aos demais programas, e locando o estacionamento, tanto de serviço quanto o social a 4,08 metros a baixo. Desta forma facilitando o acesso dos pedestres.



Figura 28: Imagem atual do terreno

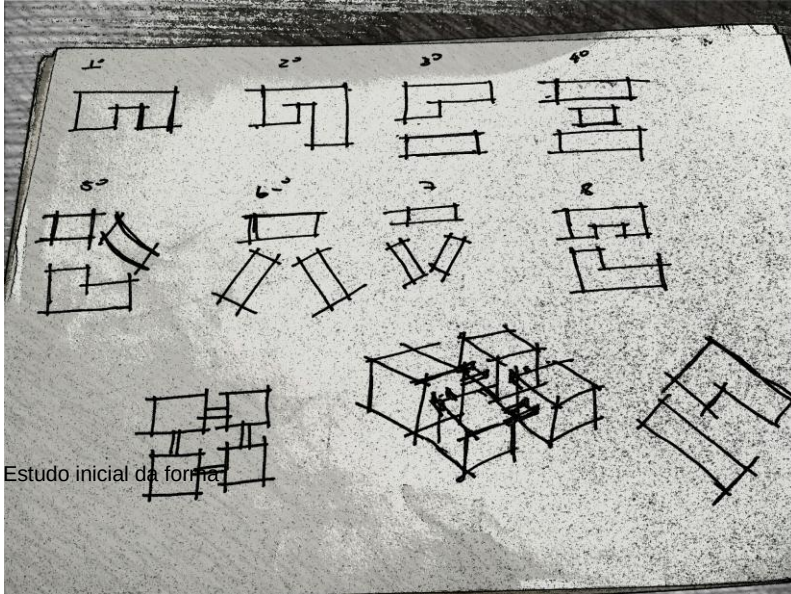
Esta proposta permite criar espaços de convivência dentro de uma praça semicoberta com acessos que possam proporcionar uma permeabilidade visual a área de reflorestamento e ao ribeirão Vai-Vem,

A configuração geral do edifício partiu da proposta de um sistema assimétrico e retilíneos, com uma malha de 8 por 8 metros, definindo assim o módulo estrutural do conjunto

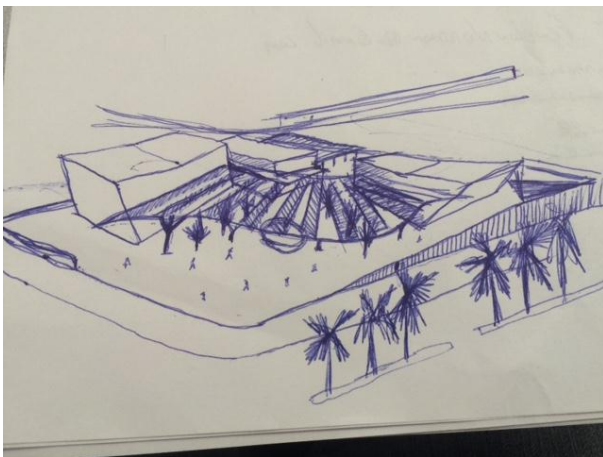


Figura 29: Corte esquemático para o partido do terreno

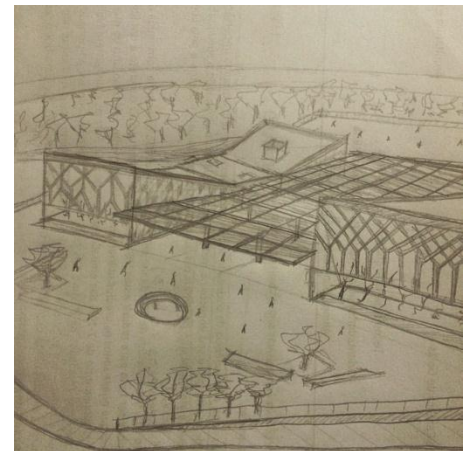
Iniciando os estudos da forma, a primeira ideia seria o desmembramento dos blocos, desta forma conseguiria ter um espaço central mais livre para as atividades externas e assim trabalhar melhor com a forma de cada edifício, mas desta forma precisaria de uma área maior e assim acabaria por reduzir as áreas verdes que fazem parte da APP as margens do ribeirão.



A forma em “U” foi a mais convincente a se usar, garantiria o espaço central para as atividades externas, teria os edifícios nas laterais, paralelos protegendo praça do sol diretamente e conseguiria fazer a ligação entre eles através de uma passarela sustentada por pilotis.



Croqui do estudo do conjunto



Croqui do estudo do conjunto

Os edifícios em geral, tem uma estrutura em concreto aparente, paredes cegas que contribuem para o conforto térmico e isolamento acústico assim, contribui para a proteção as obras expostas, principalmente no edifício onde se destinara o museu, onde o acervo é sensível ao meio ambiente em que estão armazenados e/ ou expostos, alguns extremamente sensíveis, como no caso de filmes. Luz, calor, umidade e poluentes, com a combinação destes elementos produz reações químicas que afetam destrutivamente itens deste acervo. Tais reações dobram a cada elevação de temperatura de 10°C. Em busca na excelência na preservação de acervos, o ideal trabalhado neste projeto é a criação de ambientes estáveis, evitando grandes variações de temperatura e umidade, principalmente nas reservas técnicas.

Tendo como premissa a proteção do acervo, definiu-se a forma do edifício, principalmente a altura do pé direito, assim, ambientes estáveis, longe de porões e coberturas evitando assim alterações bruscas de temperaturas e/ ou umidade relativa, assim como vazamentos e infiltrações. Pensado nisso o reservatório superior foi locado do lado oposto aos ambientes de exposições.

O auditório com capacidade para 640 pessoas segue a mesma configuração do edifício museu, porém com uma cota superior devido a inclinação da plateia. O acesso, é feito através de uma escadaria convidativa aos usuários e uma rampa para deficientes, o foyer foi dividido em duas partes, sendo um para o controle e venda de ingressos e o outro como uma recepção com um bar, balcão de informações e lugares para o social.

Programa e Pré-dimensionamento

Tanto o programa quanto o pré-dimensionamento foram baseados, guardadas as devidas proporções, no Centro Comunitário Kanayama. Levando em consideração as funções exercidas em um centro de exposições e cultural que admita tanto a contemplação, uso do espaço mas também o aprendizado da comunidade em forma de centros de estudo.

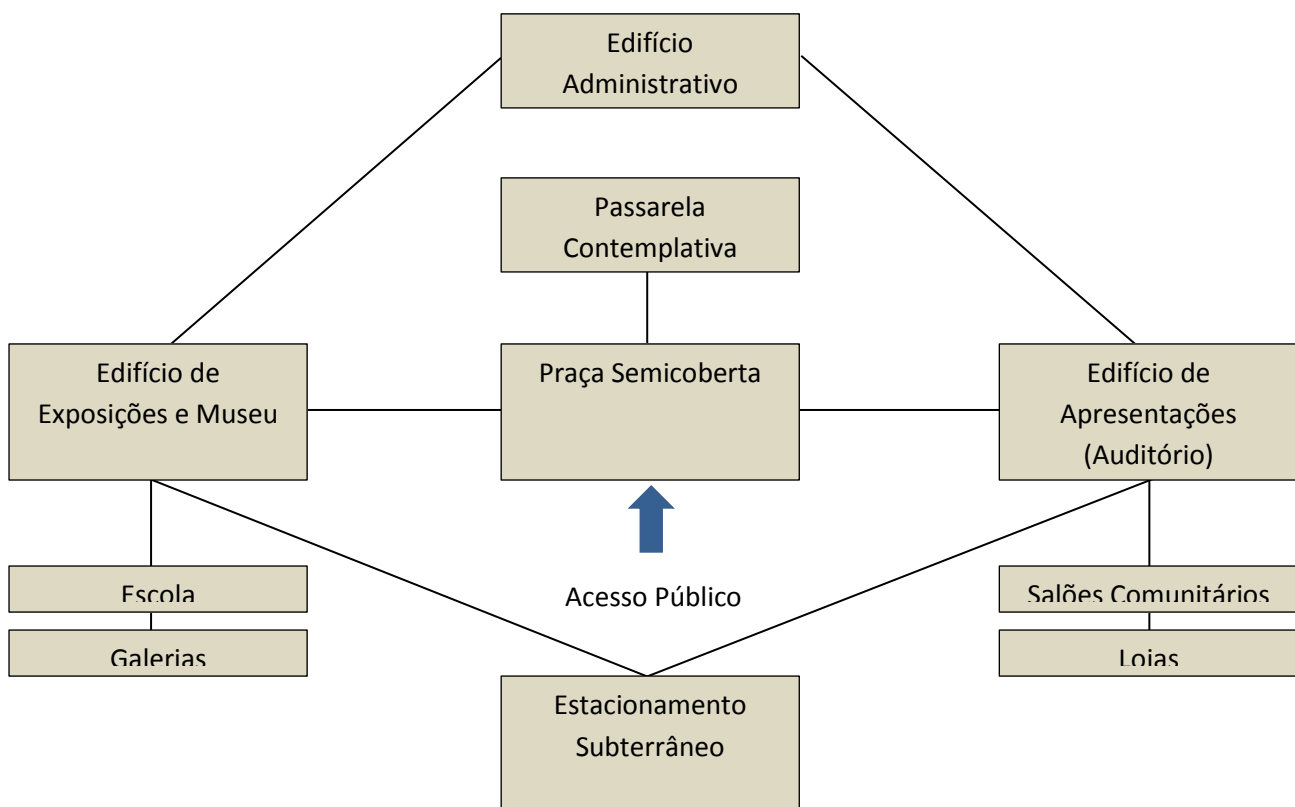


Figura xx: Organograma do projeto

DEPARTAMENTO	Sector	Quantidade	Função/Atividades	Permanência	Nº de usuários	Área Útil (m²)	Área Construída (m²)
ADMINISTRAÇÃO MUSEU	Refeitório	1	Convivência / Alimentação	Transitório	19	95,16	13663,07
	Sanitário	7	Higiene Pessoal	Transitório	19	96,35	
	Copa	1	Alimentação	Transitório	1	5,25	
	Manutenção	1	Suporte	Prolongado	3	15,17	
	Sala de Reunião	1	Gerência	Transitório	3	16,86	
	Segurança	2	Suporte	Prolongado	3	15,76	
	Sala de Controle	1	Suporte	Prolongado	2	8,06	
	Escritório	1	Gerência	Prolongado	2	11,33	
	Recepção	1	Atendimento aos usuários	Transitório	11	56,06	
	Hall de acesso	4	Acessos usuários	Transitório	47	236,34	
	Salão Comunitário	1	Exposição	Transitório	13	65,98	
	Ambulatório	1	Atendimento aos usuários	Prolongado	2	7,94	
	Salão Lateral	4	Exposição	Transitório	84	418,26	
	Salão central	1	Exposição	Transitório	75	374,62	
	Salão posterior	1	Exposição	Transitório	9	43,31	
	Galeria de artesanato	1	Exposição	Transitório	25	122,81	
SERVIÇO	Galeria audio visual	1	Exposição	Transitório	10	52,09	
	Sala de exposições	1	Exposição	Transitório	13	64,23	
	Sala de Máquinas	2	Abriga gerador, caixas Dist. Elétrica	Transitório	28	138,6	
	Vestiário Feminino	1	Higiene Pessoal	Transitório	4	22,27	
	Vestiário Masculino	1	Higiene Pessoal	Transitório	4	22,29	
	DML	1	Armazenar materiais de limpeza	Transitório	1	4,17	
ADMINISTRAÇÃO AUDITÓRIO	Depósito	3	Armazenar materiais	Transitório	30	148,71	
	Guarita	2	Controle	Prolongado	2	64,98	
	Foyer	2	Espera ao atendimento dos usuários	Transitório	53	262,74	
	Antecamara	2	Acessos usuários		8	39,9	
	Sala de som	1	Suporte	Prolongado	4	19,16	
	Auditório (palco, procênio e palco)	1	Apresentação	Prolongado	674	881,37	
SERVIÇO	Sanitário	2	Higiene Pessoal	Transitório	11	53,23	
	Hall de acesso	1	Acessos usuários	Transitório	10	49,64	
	Camarim	2	Espaço reservado	Prolongado	35	173,59	
	Sala de Máquinas	1	Abriga gerador, caixas Dist. Elétrica	Transitório	0	60,62	
	Depósito	2	Armazenar materiais	Transitório	105	526,34	
	Baia de carga e descarga	1	Logística	Transitório	67	336,34	
ADMINISTRAÇÃO GERAL	Vestiário Feminino	1	Higiene Pessoal	Transitório	7	37,41	
	Vestiário Masculino	1	Higiene Pessoal	Transitório	7	37,37	
	Curadoria	1	Gerência	Prolongado	6	28,18	
	Direção	1	Gerência	Prolongado	4	19,96	
	Coordenação	1	Gerência	Prolongado	8	39,69	
	Sala de Reunião	1	Gerência	Transitório	8	39,69	
	Dep. Pedagógico	1	Gerência	Prolongado	6	28,18	
	Acervo	1	Gerência	Prolongado	5	27,43	
SERVIÇO GERAL	Recepção	1	Atendimento aos usuários	Transitório	8	42,22	
	Varanda	1	Convívio	Transitório	12	57,7	
	Sanitário	2	Higiene Pessoal	Transitório	2	12,6	
	Estacionamento	1	Estacionamento veículos	Transitório	204	7914,98	
ESCOLA	Sala de Máquinas	1	Abriga gerador, caixas Dist. Elétrica	Transitório	16	77,98	
	Depósito de Gás	1	Armazenar materiais	Transitório	6	32,35	
	Depósito de Lixo	1	Descarte de e armazenamento	Transitório	8	39,29	
	Recepção	1	Atendimento aos usuários	Transitório	10	50,06	
LOJAS E CONVÍVIO	Secretaria	1	Atendimento aos usuários	Prolongado	2	10,47	
	Sanitário	2	Higiene Pessoal	Transitório	3	12,96	
	Sala de artesanato	1	Aprendizado	Prolongado	7	35,43	
	Sala de espera (Sala de dança)	1	Atendimento aos usuários	Transitório	4	11,62	
	Sala de dança	1	Aprendizado	Prolongado	18	91,84	
	Camarim	1	Espaço reservado	Transitório	12	22,25	
LOJAS E CONVÍVIO	Bomboniere	1	Lojas e Comércio	Transitório	24	117,5	
	Salão Vip	1	Convívio e reuniões	Prolongado	32	162,41	
	Sanitário	3	Higiene Pessoal	Transitório	9	38,88	
	Cafeteria	1	Lojas e Comércio	Transitório	21	107,39	
	Varanda	1	Convívio	Transitório	12	57,7	

Bibliografia

- AUGÉ**, Marc. Não-lugares: introdução a uma antropologia da supermodernidade. Campinas: Papirus, 1994.
- BERMAN**, Marshall. Tudo que é solido desmancha no ar. Editora Schwarcz. São Paulo, 1986
- BRANDÃO**, HILMA APARECIDA, Memórias De Um Tempo Perdido. Universidade Federal de Uberlândia, 2005.
- BRAGA**, A. JOSÉ. Cultura Brasileira. Editora FGF. São Paulo, 2001
- BREVE HISTÓRICO DE IPAMERI**. Disponível em:
<http://www.ypameri.com/html/fatos_historicos.html> Acesso em 15 de abril, 2015.
- CÓDIGO DE EDIFICAÇÕES** LEI N° 702 / 1993
- COSTA**, EVANISE PASCOA, Princípios Básicos da Museologia. Secretaria de Estado da Cultura, 2006, Curitiba PR.
- DADOS ESTATÍSTICOS SOBRE O BRASIL**, 2006. Disponível em:
<<http://www.unesco.org/new/pt/brasil/about-this-office/unesco-resources-in-brazil/statistics/>> Acesso em 15 de abril. 2015
- NPT 040 – Edificações históricas, museus e instituições culturais com acervo museológico.
- NBR 9050 – Acessibilidade
- LEI COMPLEMENTAR N° 0009/2008 (Plano Diretor de Ipoameri)
- LEI 017-2010 Código municipal de meio ambiente de Ipameri
- FRAMPTON**, Kenneth. Uma leitura de Heidegger. In Nesbitt, Kate. Uma nova agenda para a arquitetura – antologia teórica 1965-1995. São Paulo: COSAC NAIFY, 2008.
- HEIDEGGER**, MARTIN. A topologia do ser. Editora PUC. Rio de Janeiro, 2008
- IBGE**. Sistema de Informações e Indicadores Culturais, Ministério da Cultura, Brasil, 2007-2010
- NORBER-SCHULZ**, CHRISTIAN. O fenômeno do lugar. In Nesbitt, Kate. Uma nova agenda para a arquitetura – antologia teórica 1965-1995. São Paulo: COSAC NAIFY, 2008.
- TYLOR**, B. EDWARD. Cultura primitiva, 6° edição. Londres, 1920.